

Os devedores latino-americanos voltam à articulação conjunta

por Norton Godoy
de Brasília

A partir do final da próxima semana e durante os dois meses seguintes, os governos latino-americanos que estiveram na conferência de devedores em Cartagena voltarão a movimentar-se para retomar a discussão política de suas dívidas externas com seus credores do Norte. Será, em realidade, uma sequência de ocasiões, culminando com os últimos discursos do chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro e do ministro Ernane Galvéas, na ONU e no FMI, respectivamente, no final de setembro.

Nos dias 10 e 11 próximos, membros do segundo escalão dos governos que se reuniram no final de junho na cidade de Cartagena, na Colômbia (Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, México, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), voltam a se encontrar em Buenos Aires. O propósito será preparar o terreno para uma segunda conferência entre chanceleres e ministros econômicos, prevista para o dia 10 de setembro seguinte, na própria Buenos Aires.

Estes técnicos trabalharão em cima das dezesseis propostas que constaram do documento conjunto denominado "consenso de Cartagena". Como os argentinos sediarão essa segunda conferência, estão fazendo as vezes de secretaria provisória, ou seja, servindo como intermediários nos contatos com os credores e outros países em desenvolvimento fora da região, além de órgãos financeiros internacionais e bancos privados.

Todos estes governos dos países devedores latino-americanos, independentemente do tempo que têm de mandato pela frente — enquanto o brasileiro tem poucos meses, o do México tem mais de quatro anos —, pretendem, no entender de uma fonte consultada por este jornal, dar um prosseguimento natural à

questão. Isto é, fazer com que o diálogo político sobre a dívida, já correspondido pelos credores, evolua para ações concretas mutuamente satisfatórias.

REUNIÃO EM BRASÍLIA

O que se chamará de 'conferência de Buenos Aires', produzirá um novo documento, possivelmente mais sucinto do que o de Cartagena, que servirá de matéria-prima para os contatos individuais de cada governo com seus credores. Em meados de setembro mesmo, o ministro Ernane Galvéas patrocinará um encontro, em Brasília, entre ministros das Finanças e do Comércio de doze países industrializados e do Terceiro Mundo, além de dirigentes de organismos como o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), Comunidade Econômica Européia (CEE) e Fundo Monetário Internacional (FMI).

Já nos últimos dias de setembro, tanto Ernane Gal-

vêas quanto Saraiva Guerreiro partirão para os Estados Unidos, onde farão seus últimos discursos como ministro da Fazenda e chanceler brasileiros junto ao FMI e às Nações Unidas, respectivamente. Duas ocasiões muito propícias para fazer um balanço do que já foi iniciado no diálogo político e reforçar suas previsões.

Saraiva Guerreiro deverá lembrar que, há dois anos, o próprio presidente João Figueiredo dirigiu-se pessoalmente à Assembleia Geral da ONU, em Nova York, prevendo o aumento das dificuldades de pagamento dos devedores, verificado de lá para cá. E Ernane Galvéas mostrará aos outros membros do FMI que o Brasil se impôs grandes sacrifícios sociais e políticos para saldar seus compromissos financeiros, atitude que deve ser correspondida pelos credores com mais flexibilidade no novo diálogo aberto recentemente.